

MODELOS EM LEXICOLOGIA

Maria Aparecida Barbosa

“Bien loin que l’objet précède le point de vue, on dirait que c’est le point de vue qui crée l’objet, et d’ailleurs rien ne nous dit d’avance que l’une de ces manières de considérer le fait en question soit antérieure ou supérieure aux autres” (Saussure, 1969, 23).

Numerosas são as investigações e os trabalhos publicados sobre a *palavra*. Concebida como um dos elementos constitutivos da linguagem e, ao mesmo tempo, como um dos níveis de análise, em Lingüística, admite variadas possibilidades de abordagem. Com efeito, tem sido estudada em seu estatuto de *palavra-objeto* ou de *meta-palavra*; como produto e criação de uma ideologia; como um complexo gramatical; como verbalização do pensamento; como disponibilidade do sistema; como manifestação concreta no discurso; como expressão; como conteúdo; como grandeza indissociável (significante/significado); como instrumento modelizante e modelizável; e, ainda, de muitas outras maneiras. A tomada em consideração de um ou de alguns desses aspectos fez que fossem criados, ao longo do tempo, diferentes objetos formais suscetíveis de exame, que se relacionam, por sua vez, de diverso modo, a disciplinas ou ramos da ciência da linguagem, assumindo, pois, estes ou aquelas considerável parte do seu complexo tratamento.

A multiplicidade das abordagens, dos sucessivos recortes de tais objetos formais e das disciplinas que possam corresponder-lhes torna impraticável um levantamento exaustivo. Do ângulo que aqui nos interessa, cumpriria assinalar que o significante é o objeto da fonologia, auxiliada pela fonética; o significado é estudado pela semântica; a combinatória inter-signos, dentro dos limites da palavra, é examinada pela morfossintaxe; ocupa-se da combinatória das palavras, da sua distribuição, da coerção que exercem umas sobre as outras nos sintagmas e nos enunciados, a sintaxe, sem que a isso se restrinja o seu objeto; o tratamento destes últimos aspectos, acres-

cido da dimensão semântica, conduz à proposição de uma sintaxe-semântica; a palavra no enunciado e na enunciação é discutida pela pragmática; preocupa-se a sociolinguística, também, com a palavra produzida em determinado contexto sócio-cultural; da palavra igualmente se ocupa a psicolinguística, ao tratar certos aspectos das relações entre o pensamento e a linguagem, dos processos de aquisição da linguagem e de suas patologias.

Desse modo, apresentam tais disciplinas e seus objetos amplas intersecções, ainda que variáveis, em relação à Lexicologia e aos seu objeto formal específico. Estudar a palavra em sua estrutura gramatical, semântica, semântico-sintáctica; examinar sua carga ideológica, sua força persuasiva, sua natureza modelizante; definir a rede de relações das palavras de um sistema linguístico; estudar o conjunto de palavras de tal sistema ou de um grupo de indivíduos, seja como universo lexical, seja como conjunto vocabulário; analisar o léxico efetivo, ativo e passivo, e fazer estimativas sobre o léxico virtual (1); considerar a palavra como um instrumento de construção e de detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores; abordá-la como um elemento instaurador e como um lugar privilegiado de reflexo da cultura; explicar os processos de criação e renovação da palavra, e de seu conjunto universo, o léxico, eis algumas das tarefas mais importantes de que se encarrega a lexicologia, um dos ramos da Linguística, e que tem por objeto específico a *palavra*.

Assim definidas muitas das possíveis abordagens da lexicologia, fica evidente a estreita relação que mantém com os outros ramos da Linguística. O observador menos avisado pode ser levado a confundir o campo de ação de um ou de outro ramo da ciência da linguagem, a encontrar dificuldades em sua delimitação. Entretanto, um exame mais atento revela diferenças sensíveis entre o morfo-sintaxe, a sintaxe, a semântica, a sintaxe-semântica, por exemplo, e a lexicologia, dentre as disciplinas que tomem a palavra como um objeto de análise. Considerada a palavra como um objeto formal — e somente nessa perspectiva —, poder-se-ia dizer que a lexicologia seria englobante em relação a tais disciplinas, englobadas, levando-se em conta os aspectos apontados no início deste artigo. De um ponto de vista mais amplo — da linguagem como objeto — a relação é, evidentemente, de intersecção, o que impõe à lexicologia, de maneira

(1) — MULLER, Ch. — *Initiation à la statistique linguistique*. Paris, Larousse, 1968.

PAIS, C.T. — *Ensaio semióticos-Linguísticos*. Petrópolis, Vozes, 1977.

enriquecedora, constantes abordagens interdisciplinares. Tal fato não lhe retira a especificidade, antes a reafirma com maior vigor

A palavra também é o objeto de exame da lexicografia, que a considera, no entanto, de outro ângulo, de vez que se define como uma técnica de tratamento da palavra, de compilação, de classificação, de que resulta, por exemplo, a produção de dicionários, de glossários, dentre outras. Há, certamente, entre a lexicologia e a lexicografia relações epistemológicas e metodológicas. Contudo, a especificidade do tratamento a que submetem a palavra assegura-lhes autonomia de métodos, de técnicas e até de modelos.

Com freqüência, o lexicógrafo necessita de certos modelos teóricos que expliquem determinadas características da estruturação de um conjunto lexical, para que possa dar tratamento adequado às unidades léxicas sob seu exame. O lexicólogo, por sua vez, apoiado em dados fornecidos pela lexicografia, pode construir modelos qualitativos ou quantitativos de um universo lexical, inclusive com bases empíricas, e propor, a partir de tais dados, modelos que permitam descrever a natureza e as funções desse universo; em semelhante esforço, tanto pode valer-se de uma taxionomia lexicográfica, como desenvolver os seus próprios modelos teóricos, tendo em vista a elaboração de uma nova taxionomia.

Noutra perspectiva, é possível ao lexicólogo formular hipóteses sobre as unidades, as propriedades e as relações do universo lexical, prescindindo dos dados lexicográficos, num procedimento eminentemente teórico-dedutivo.

Com efeito, se considerarmos a lexicologia como ciência e a lexicografia como tecnologia, compreende-se, sem dificuldade, que as suas atividades sejam complementares, muito embora cada qual dê tratamento específico ao léxico. Como acontece em outros campos do conhecimento, torna-se difícil estabelecer uma fronteira nítida entre a *praxis* da investigação científica — fazer saber — e a *praxis* tecnológica — saber fazer —.

Ao lexicólogo compete, portanto, dedutiva ou indutivamente, tentar analisar, descrever, explicar e reduzir a modelos os dados lexicais, cumprindo-lhe, ainda, na condição de cientista, procurar falsear esses mesmos modelos, num procedimento de validação e superação progressiva desses últimos.

Uma relação obviamente não exaustiva das tarefas atribuídas ao lexicólogo compreenderia: a) análise qualitativa dos dados lexicais; b) análise quantitativa desses mesmos dados; c) descrição da morfo-sintaxe-semântica das classes e subclasses de lexias lexicais e gra-

maticais; d) estabelecimento de uma rede semêmica de uma rede léxica; e) definição da estrutura vocabular; f) determinação do espectro táxico e da autonomia funcional das classes sintáticas do léxico; g) explicação dos processos de criação, ~~mudança~~ e renovação do léxico; h) organização de um quadro teórico da natureza e função dos modelos das unidades lexicais.

De acordo com Dubois (2), o lexicógrafo toma por objetos de seu discurso a *língua* e a *cultura* de tal forma que, no seu trabalho, atua ora como lingüista — já que necessita reportar-se explícita ou implicitamente a uma teoria lingüística, que lhe dá as diretrizes metodológicas de sua análise —, ora como antropólogo, na medida em que os elementos por ele levantados contribuem para a definição de determinada cultura ou civilização, ora até mesmo como historiador, geógrafo, jurista, etc., em função dos termos que se propõe examinar e definir.

Ao lexicógrafo, pois, compete, mais especificamente, a tarefa de classificar as lexias de um grupo sócio-lingüístico-cultural, segundo critérios e normas lexicográficas propriamente ditas. Desse modo, o produto do trabalho lexicográfico manifesta-se em vários tipos de obras, como sejam: a) dicionários monolíngües; b) dicionários bilíngües ou plurilíngües; c) dicionários de sinônimos e de antônimos; d) dicionários inversos; e) dicionários analógicos; f) dicionários enciclopédicos; g) vocabulários; h) glossários; i) vocabulários de freqüência; j) *thesaurus*; l) vocabulários fundamentais; m) vocabulários específicos, como, por exemplo, os vocabulários técnico-científicos.

Dentre os múltiplos objetos que compõem o campo da lexicologia, merece nossa atenção, aqui, o da distribuição das unidades do inventário lexical em classes e subclasses, segundo um modelo de análise semântico-sintática, em que se utiliza essencialmente a estruturação da semântica gramatical como critério de distribuição taxionômica.

São muito numerosos e diversos os critérios empregados, ao longo dos anos, para a distribuição das unidades lexicais em classes, geralmente denominadas “partes do discurso”, “classes de palavras”, “classes de vocábulos”, “espécies de vocábulos” (3)

Alguns desses critérios são baseados na forma de expressão, outros, na forma de conteúdo, outros, ainda, na função das palavras

(2) — DUBOIS, J. et B. — *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris, Larousse, 1971.

(3) — BIDERMAN, M.T.C. — *Teoria lingüística (Lingüística quantitativa e computacional)*. Rio, Livros Técnicos e Científicos, 1978.

no sintagma e no enunciado; há aqueles que combinam esses três aspectos, como também aqueles que se fundam no comportamento da palavra, no que diz respeito à flexão; outros, enfim, baseiam-se nas latitudes combinatórias dos signos mínimos, nos limites da palavra, etc.

Sem entrar no mérito dos diferentes modelos classificatórios, notamos que nos modelos dos gregos, dos gramáticos latinos, nas adaptações feitas a esses modelos na Renascença, assim como, em épocas mais recentes, nos modelos de Hermann Paul. Otto Jespersen, Bruno Snell, Sweet, Vendryès, Martinet, Tesnière, sempre prevalece um daqueles critérios.

Assim, afirma Jespersen, “é preciso não desprezar nenhum critério, que ele diga respeito à forma, à função ou ao sentido, mas é importante lembrar que a forma, o critério mais acessível, pode levar-nos a considerar, para determinada língua, classes de palavras que não são válidas para outras línguas, e que o sentido, não obstante sua importância, é difícil de manejar, e, sobretudo, que é impossível fundamentar uma classificação sobre definições simples e de fácil aplicação” (4)

Sweet, por exemplo, considera que “a única definição satisfatória que se possa dar de uma parte do discurso é necessariamente uma definição formal: a palavra *neve*, por exemplo, não é um nome porque designa um objeto mas porque pode ser sujeito de uma proposição, porque admite um plural em *—s*, porque pode ser precedida de um prefixo definido (artigo definido), etc., e o mesmo acontece com *brancura*” (5)

Um modelo bastante original, baseado em critérios e considerações epistemológicas completamente diferentes das até aqui arroladas é o construído por Josette Rey-Debove (6) Propõe em um dos seus modelos de abordagens lexical, uma taxionomia fundada na distinção das semióticas denotativas, conotativas e metassemióticas. O Universo léxico (l_1) de uma língua (L_1) compreenderia, de acordo com o seu ponto de vista, o conjunto das palavras mundanas, destinadas a falar do mundo (léxico mundano da linguagem-objeto), como, por exemplo, *casa*, *respirar*, *mortal*, etc.; o conjunto das palavras metalingüísticas, destinadas a falar da linguagem (metaléxico da metalinguagem), como, por exemplo, *adjetivo*, *declinação*, *gra-*

(4) — JESPERSEN, O. — *La philosophie de la grammaire*. Paris, Minuit, 1971, p. 70.

(5) — SWETT, *apud* JESPERSEN, O., *Op. cit.*, p. 184.

(6) — REY-DEBOVE, J. — *Le metalangage. Étude linguistique du discours sur le langage*. Paris, Le Robert, 1978.

matical, etc.; o conjunto das palavras neutras, que contém todas as palavras atemáticas de alta freqüência, palavras lexicais e gramaticais, suscetíveis de entrar em qualquer discurso, mundano ou metalingüístico (léxico neutro), como, por exemplo, *ele, que, sobre, depressa*, etc.

Os quadros classificatórios apresentados pelos gramáticos da língua portuguesa do Brasil são essencialmente pautados naqueles critérios anteriormente assinalados e, mais especificamente, na forma do conteúdo da parte lexical da palavra (morfema lexical). O significado do lexema (Pottier) constitui, pois, para as unidades lexicais — consideradas em sua função primeira no sistema — o elemento determinante de sua inserção em tal ou qual classe. Isso se verifica, por exemplo, numa primeira grande compartimentagem, a classe dos *nomes* e a dos *verbos*, e nas subclasses por elas contidas, substantivos, adjetivos, verbos e, sobretudo, nas microclasses, substantivos concretos, abstratos, comuns, próprios, coletivos; adjetivos restritivos ou explicativos; verbos “de ação”, “de estado”, etc. O morfema lexical permite definir *mesa, blusa, amizade, sabedoria, cardume, colméia, Ásia, África* como substantivos comuns, concretos; abstratos; coletivos; próprios. Podemos, pois, chamar semelhante classificação de *taxionomia lexemática*.

Propomos nós, além dessa classificação lexemática, uma taxionomia de classes e subclasses de vocábulos lexicais que se fundamente em seus morfemas gramaticais (gramemas). Na verdade, as macroclasses dos nomes e dos verbos são classes de equivalência sintáxico-semânticas, que reúnem elementos que não são idênticos, mas que puderam ser agrupados por um critério de equivalência. Dentre outros, tal critério pode ser o da forma de conteúdo gramatical. Uma análise desse tipo mostra que tanto o substantivo como o adjetivo, embora tenham estatuto semântico lexical diferente, combinam esse lexema com taxes (significados gramaticais) *estáticas* e *descritivas* (mesmo quando se trata de lexemas dinâmicos, como *corr—ida*, por exemplo); ao contrário, os verbos tem estruturação táxica *dinâmica* (mesmo para os lexemas não dinâmicos, como no caso dos verbos de estado; *estava*, por exemplo)

As subclasses dos nomes podem ser estabelecidas, tomando-se em consideração os conjuntos diferentes de *formantes* (significados gramaticais obrigatórios para uma classe) que as caracterizam.

De um lado, temos os substantivos, cujos formantes gramaticais são o gênero e o número, a nível de estrutura vocabular, e a determinação, a nível de sintagma. Seus formantes lexicais, se assim

podemos denominar os traços exclusivos e obrigatórios, a nível da semântica lexical, são a autoincidência e a particularização. De outro, os adjetivos, cujos formantes gramaticais são a concordância e a disponibilidade combinatória para o gramema /—mente/ Quanto à semântica lexical, a característica de incidir sobre uma base e o traço da generalização.

Se, gramaticalmente, é possível chegar a uma definição satisfatória de substantivo e adjetivo, o mesmo não se dá, no que diz respeito à definição lexical. A proposição tradicional de que são substantivos as palavras que denotam substâncias, pessoas ou coisas, e de que são adjetivos as palavras que denotam qualidades daqueles objetos, não resiste à análise.

Como observa Jespersen (7), muitos substantivos têm sua origem numa qualidade particular; outros, cuja origem se desconhece, representam uma qualidade particular que se escolheu para designar um objeto. A distinção entre “substância” e “qualidade” não tem, pois, grande sentido em lingüística. Além disso, de um ponto de vista filosófico, não se apreende jamais as substâncias senão pelas suas qualidades; a essência de uma substância é a soma de todas as qualidades, a respeito das quais percebemos ou concebemos que se acham ligadas entre elas de determinada maneira. Pensava-se outrora que a substância era uma realidade em si e que as qualidades não tinham existência real. Parece que a tendência, atualmente, é pensar o contrário e considerar a substância ou “substrato” das diversas qualidades como uma pura ficção que nossos hábitos de pensamento tornam mais ou menos necessária. Dir-se-ia, pois, que são as “qualidades” que constituem a realidade, ou seja, aquilo que percebemos e aquilo que tem para nós determinado valor.

É preciso reconhecer, igualmente, que a definição tradicional não permite resolver o problema dos substantivos abstratos, como *sabedoria* e *bondade*, por exemplo, que denotam exatamente as mesmas qualidades que os adjetivos *sábio* e *bom*. Como se pode observar, não só a taxionomia mas também a própria conceituação das classes e subclasses está a exigir profundo reexame, deve ser repensada em novos termos. ××

Para sintetizar, diríamos que há duas maneiras básicas de se conceituarem e organizarem as classes de palavras: I — a que se pauta em critérios lexemáticos; II — a que se funda em critérios taxemáticos.

I. De acordo com o critério lexemático, o lexema — representante lingüístico do universo referencial — constitui a base da clas-

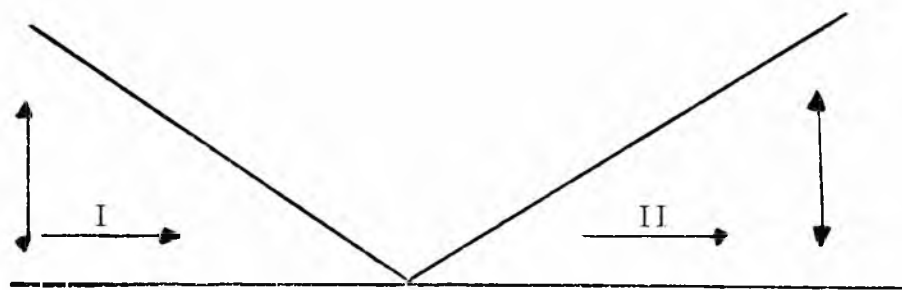
(7) — JESPERSEN, *Op. cit.*, p. 88.

sificação: /menin-a/, /pat-a/, cachorr-a/, por exemplo, são substantivos comuns, concretos, não por causa do gramema, que é o mesmo para todos, mas em virtude do lexema. Esta, parece-nos, tem sido a base de classificação nos modelos citados anteriormente. Acrescentaríamos a estes, ainda de acordo com o primeiro critério, outro modelo de Pottier, que permite distinguir substantivo e adjetivo, quanto à incidência e à perspectiva.

O substantivo é *autoincidente*, existe no código, para incidir sobre si mesmo. O adjetivo, embora tenha um significado autônomo, existe no código, para incidir sobre o substantivo, isto é, para ampliar e especificar o significado da base substantival. O substantivo tem uma *perspectiva fechada* e particularizante, não designa nada fora de si mesmo. *Livro*, por exemplo, designa algo para dentro de *livro*, que é o próprio livro, e nada fora desse objeto. Toda palavra tem subjacente uma frase, pois a palavra é uma redução do enunciado. Assim, *livro* tem subjacente a si mesmo o enunciado *O livro é*, no sentido lógico, ou seja, o substantivo designa um “objeto” na sua existência.

O adjetivo, ao contrário, designa algo que está fora dele, *lindo*, por exemplo, designa algo que está fora de *lindo*. É a qualidade de algo.

Desse modo, temos (8):

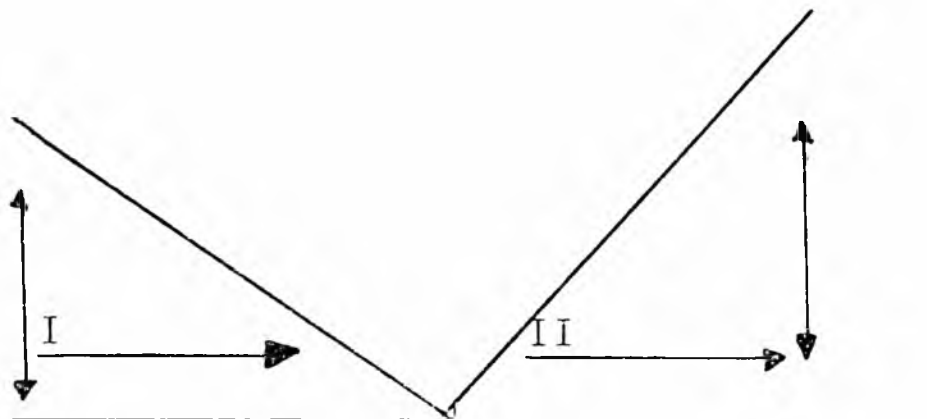


substantivo
perspectiva fechada
terra só se diz da
terra

adjetivo
perspectiva aberta
terroso se diz de tudo que se quer

Um desdobramento do modelo anterior permite distinguir o substantivo concreto do abstrato, com base na oposição entre perspectiva fechada e aberta:

(8) — POTTIER, B. — *Introduction à l'étude linguistique de l'espagnol*. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1972, p. 93.



substantivo concreto
mesa
cadeira
perspectiva fechada

substantivo abstrato
feiura
sabedoria
perspectiva aberta

J.N. Keynes explica a definição segundo a qual um nome concreto é o nome de uma coisa e um nome abstrato é o nome de uma propriedade, dizendo que “um nome concreto designa todo objeto ao qual podem ser atribuídas propriedades, é, pois, o sujeito das propriedades, enquanto um nome abstrato designa todo objeto que pode ser atribuído a um outro objeto, é, pois, uma propriedade dos sujeitos” (9) Isso confirma o que dissemos sobre a questão da incidência e da perspectiva.

Num trabalho anterior nosso (10), propusemos um modelo que permite classificar o substantivo quanto ao dinamismo, presente ou ausente no lexema. Por esse critério, os substantivos podem ser classificados em três tipos:

Há substantivos que dão uma idéia de dinamismo, dentro da descrição estática que fazem de um processo. Esse processo, pois, é visto estaticamente, com abstração de seu dinamismo verbal. Apresentam tais substantivos uma base comum com o verbo, como, por exemplo, *a corrida/correr*, conservando o traço dinâmico lexical do verbo, e, ao mesmo tempo, a descrição estática que os formantes gramaticais lhes emprestam.

Há substantivos que são exclusivamente descritivos estáticos, como, por exemplo, *mesa*, sem correspondente lexêmico verbal.

(9) — KEYNES, *apud* JESPERSEN, *Op. cit.*, p. 181.

(10) — BARBOSA, M.A. — *Língua e discurso: contribuição aos estudos semânticos-sintáticos*. 2 ed. São Paulo, Global, 1981, p. 104.

Enfim, há substantivos que têm uma base lexêmica comum com o verbo, mas que, diferentemente dos primeiros, permanecem com a característica fundamental do substantivo, a descrição estática, como, por exemplo, na oposição *âncora/ancorar*

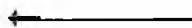
Observando-se as relações entre o primeiro e o terceiro tipos, verifica-se que a base lexêmica dos substantivos correspondentes ao primeiro tipo já indica dinamismo. Quando de uma descrição sêmica de /corr-/ /danç-/, teríamos “processo de ”, ao passo que, na descrição semêmica dos substantivos do terceiro tipo, como, por exemplo, /âncor-/, /chav-/, teríamos “objeto material. ”

A descrição do substantivo, quanto ao dinamismo lexical, auxiliaria, talvez, a resolver certas dificuldades de classificação dos *deverbais*, em que nem sempre é possível detectar a classe primeira, em sistema, da palavra.

Além disso, permitiria uma melhor distinção entre substantivos de língua, substantivos de discurso, verbos (dinamismo de sistema), verbos transformados em substantivos de discurso (dinamismo de discurso, numa visão substantiva, portanto estática), verbos transformados em substantivos de língua (estaticidade) (11)

Desse modo, temos:

substantivo de língua	movimento de categorização	substantivo de discurso	verbo de língua e de discurso
--------------------------	-------------------------------	----------------------------	----------------------------------



<i>O jantar está na mesa</i>	(alta freqüência do substantivo de discurso)	<i>O jantar depres- sa faz mal</i>	<i>Vou jantar em sua casa.</i>
----------------------------------	--	--	------------------------------------

II. As classes e subclasses de palavras podem ser definidas segundo critérios taxemáticos, da semântica gramatical.

Como dissemos mais acima, propomos, neste artigo, além de uma classificação lexemática, uma taxionomia de classes e subclasses de vocábulos lexicais baseada em seus morfemas gramaticais. Ao contrário do que ocorre com o ponto de vista lexical, em que as definições e classificações são bastante complexas, como vimos, a utilização do critério gramatical permite alcançar resultados muito mais satisfatórios. Desse ângulo, o morfema gramatical constitui a base da classificação.

(11) — POTTIER, *Op. cit.*, p. 97

Observamos anteriormente que as macroclasses dos nomes e dos verbos se distinguem pelo caráter dinâmico ou estático das *taxes*. Os substantivos e adjetivos combinam seus *lexemas* com determinadas *taxes* estáticas e descritivas, como as de gênero e número, por exemplo, enquanto os verbos os combinam com *taxes* dinâmicas, como o tempo, modo e voz, por exemplo.

O adjetivo e o substantivo constituem subclasses do nome. Numa classificação mais geral, distinguem-se pelos seus formantes. Assim, os substantivos caracterizam-se fundamentalmente pelo gênero, número, determinação, autoincidência; os adjetivos, pela concordância e pela incidência sobre uma base.

O substantivo, como se pode observar, compreende várias subclasses, que convencionamos designar por A, B, C, D, E, F, e que podem ser definidas pelos signos gramaticais anexados ao *lexema*.

Apresentam esses signos, em sua estruturação semântica, *semas* gramaticais genéricos, *taxemas*, de estrutura e função as mais variadas e que conduzem à inserção dos substantivos numa ou noutra subclasse.

A subclasse A apresenta os seguintes *taxemas*:

A.1 *Taxemas* obrigatórios indicados nos limites da palavra: gênero, número, autoincidência, base de concordância.

A.2. *Taxema* obrigatório indicado por outra palavra: determinação.

A.3. *Taxemas* facultativos indicados na palavra: especificidade e grau.

A.4 *Taxemas* facultativos indicados por outras palavras: quantificação, substituição, transferência, dêixis, extensão, incidência, adjetivação, comparação.

A subclasse A possui, como se pode notar, um conjunto de *sememas* gramaticais (*taxes*) que são comuns a todas as subclasses do substantivo, os formantes da classe substantival. Desse inventário, fazem parte substantivos como, por exemplo, *mesa*, *menina*, *necessidade*, *borracha*, *beleza*, etc.

A subclasse B abrange os substantivos que têm o conjunto *táxico* da subclasse A e, ainda, a *taxe* do *aspecto*. Esta confere ao substantivo uma característica semântica importante, a de sintetizar numa palavra toda uma expressão analítica, com um sujeito, um verbo e um complemento subjacentes. Por conseguinte, atribui-lhe

uma “ação” que pode ser precisada em seu início, em seu transcurso, em seu término, em seu resultado, conforme o tipo de gramema aspectual que contenha. Dessa maneira se classificam substantivos como *produtor, delegador, delegação, delegado, censo*, etc., que contêm em sua estrutura, além dos formantes substantivais estritos, o gramema de aspecto.

De acordo com o modelo de Pottier (12), o aspecto não é, em primeiro lugar, exclusividade do lexema verbal mas aparece também no gramema verbal, o que permite detectar não só “a maneira de ser da ação” como também “o ponto em que se dá a ação” (Cf. *despertar, despertando, despertado, desperto*); em segundo lugar, o aspecto não é exclusividade do verbo mas pode constar da estrutura vocabular de substantivos e adjetivos (Cf. *vendedor, decoração, deleitável, compreensível, compreensivo, alargável, alargante, alargado, largo, censor, delegado, ventilador*, etc.)

A subclasse C decorre da anterior, na medida em que compreende substantivos — e a mesma análise se aplica a uma subclasse de adjetivos — que, possuindo um gramema de aspecto, apresentam uma *voz subjacente à estrutura vocabular*, além de conterem, obviamente, o conjunto táxico da subclasse A (Cf., por exemplo, *doador, donatário*, cf., ainda, *rua alargável*, etc.)

O gramema de aspecto no substantivo e no adjetivo indica sempre uma ação, seja ela potencial (aspecto 1), em curso (aspecto 2), no seu final (aspecto 3), ou o resultado de uma ação (aspecto 4) Mesmo no aspecto 4, em que o resultado é descritivo, já houve, diacronicamente, traços de um dinamismo perfectivo terminal. Sincronicamente, salvo alguns vestígios, tais traços acham-se anulados, implicando ausência de ação (Cf. *O delegado matou o bandido*)

O exame desses fatos levanta uma questão interessante. Se o indicador semântico gramatical *voz* expressa sintaticamente o dinamismo do verbo, é lícito considerar uma voz subjacente nos casos em que substantivos e adjetivos apresentam a oposição dinâmico/estático, expressa no gramema de aspecto. Assim, ter-se-ia, no caso do substantivo, a correspondência: aspecto 1 (dinâmico, perfectivo, inicial) — voz ativa; aspecto 2 (dinâmico, imperfectivo) — voz passiva; aspecto 3 (dinâmico, perfectivo, terminal) — voz passiva; aspecto 4 (não dinâmico) — voz atributiva. No caso do adjetivo: aspecto 1 — voz passiva; aspecto 2 — voz ativa; aspecto 3 — voz passiva; aspecto 4 — atributiva (Cf., por exemplo, *rua alargável, moça impressionante, saia alargada, rua larga*) Além disso, note-se

(12) — POTTIER, B. — *Linguistique générale. Théorie et description*. Paris, Klincksieck, 1974.

a correspondência: aspecto dinâmico imperfectivo — voz intransitiva (cf. *pessoa infalível*); aspecto dinâmico imperfectivo — voz médio-transitiva (cf. *menina infatigável*, *menina que não se fatiga*)

A subclasse D compreende os substantivos que possuem o conjunto táxico da subclasse A e têm, além disso, como indicador semântico gramatical específico a *indicação*, expressa através de gramemas do tipo semi-autônomo (*vice*, *super*, etc.) ou aqueles que se referem a relatores autônomos (*sobre*, *de*, *com*, etc.) Ambos os tipos podem conter semas espaciais, ou temporais, ou nocionais (Cf. *ante-sala*, *ex-veresador*, *arquiduque*, *sobrecarga*)

A subclasse E abrange os substantivos que possuem o conjunto táxico da subclasse A e têm como caracterizador o taxema *modalidade*, expresso geralmente por gramemas como /-ando/, /-endo', /-oira/ A modalidade não se confunde com o aspecto, pois acumula outros traços além desse: o modo, o tempo, a formulação de apreciação. Como este último tem por marcas o tempo e o modo, conclui-se que o predominante é a formulação.

Há nesse tipo de substantivo — e o mesmo se verifica em adjetivos correspondentes — uma convergência de tempo (presente ou futuro) e de modo (indicativo ou subjuntivo)

O taxema modalidade define-se, pois, no substantivo, como o resultado da combinatória tempo, modo (ambos suportes formais da formulação) e de aspecto (cujo gramema é a forma final daquele) Dessa maneira, o gramema /-ando/ de *formando* tem os seguintes semas: “+ futuro”, “+ indicativo”, “+ aspecto dinâmico imperfectivo”, “+ eventual”

A subclasse F comporta em seu inventário os substantivos que, além do conjunto táxico da subclasse A, apresentam como caracterizador o taxema *desenvolvimento*, geralmente expresso na combinatória inter-lexias. Acha-se ligado aos taxemas de aspecto, de proposição, de modo e de tempo. Depreende-se da combinatória de uma ou mais lexias ou de um morfema adjunto a um vocábulo, um processo que pode ser visto como algo já passado, como algo em curso, como algo que acontecerá, como algo que termina, como o resultado de algo (Cf. *o aspirante a prefeito*, *o futuro prefeito*, *o prefeito eleito*, *o prefeito que sai*, *o ex-prefeito*) Não são todos os substantivos, evidentemente, que comportam semelhante tipo de combinatória, mas somente aqueles que comportam um “estado” (e não apenas uma “qualidade”) Além disso, a maior compatibilidade se verifica com o sema “humano” da base substantival.

Constituem as taxes do taxema desenvolvimento os significados: ação eventual, ação inicial, ação em curso, fim de ação, resultado de ação. Aparentemente, haveria coincidência do taxema desenvolvimento com o taxema aspecto. Entretanto, a expressão analítica que subjaz a cada um deles comprova uma nítida diferença.

Nos substantivos com gramema de aspecto, que indica o modo de ser da ação, temos, por exemplo:

“A *delegação* de poderes. ” em que *delegação* equivale ao *ato de delegar*;

“O *delegado* para essa missão. ”, em que *delegado* equivale à *pessoa que foi delegada*.

“O *delegador* de poderes. ”, em que *delegador* equivale a *a pessoa que delega*.

Tais substantivos sintetizam uma expressão analítica de base, em que sempre aparecerá, *explicitamente*, uma ação verbal. Das transformações por que passa essa expressão analítica, resulta uma palavra, em estrutura de superfície, que tem a base lexemática do verbo, portanto, com todos os seus traços sêmicos e, ainda, com os morfemas gramaticais que correspondem à integração do sujeito e dos complementos desse mesmo verbo. Logo, a estrutura de tais substantivos envolve lexemas, gramemas do tipo aumento e gramemas do tipo formante. São sempre palavras derivadas, ou porque derivam de uma expressão analítica, ou por terem uma modalidade de formação vocabular derivacional.

No caso de *futuro prefeito*, *prefeito eleito*, etc., têm-se implicitamente as noções de ação, de momento da ação, mas não do modo de ser da ação. Além disso, do ponto de vista formal, a manifestação estrutural do desenvolvimento é substancialmente diversa da do aspecto. No aspecto, como vimos, a palavra tem em sua estrutura lexema, gramema aumento e gramema formante; é sempre derivada. No desenvolvimento, a palavra base tem apenas lexema e gramema formante; é, pois, primitiva ou composta.

Não obstante, a palavra portadora do gramema aspectual contém, simultaneamente, o gramema de desenvolvimento, já que indica *ação*, *o momento da ação* (desenvolvimento) e *o modo de ser da ação* (aspecto)

Sem dúvida, um exame mais minucioso levaria à proposição de outras subclasses, além das que apontamos. Há que ressaltar que todas as subclasses definidas por este ou aquele taxema privativo têm como subconjunto comum o conjunto táxico da subclasse A,

que representa, assim, o mínimo táxico da classe. Por essa razão, o inventário desse tipo é proporcionalmente muito maior. O mesmo ocorre, quanto ao adjetivo e ao verbo.

Por conseguinte, a subclasse A indica a arquiteaxia, isto é, a neutralização (processo) táxica de todas as subclasses resulta na arquiteaxia (produto). O conjunto de traços gramaticais obrigatórios para todos os substantivos, em termos de gramemas formantes, elementos definidores da classe. Em outras palavras, aquilo que define um substantivo, em termos de organização táxica. Desse modo, será substantivo, taxicamente, toda a palavra que, a nível de sistema, ou por processo de transferência, a nível de discurso, presente em sua estrutura gramatical os taxemas gênero, número, determinação, base de concordância — formantes do substantivo.

Percebe-se, pois, que existem, na classe dos substantivos, subclasses identificadas por taxemas que não são comuns a todos os elementos dessa classe de equivalência semântico-sintática.

Contudo, há um conjunto de taxemas que são comuns a todas as subclasses: são os que restam quando se neutralizam as oposições que as distinguem entre si, isto é, quando se anulam os subconjuntos-diferença, mantendo-se apenas o subconjunto que constitui a intersecção entre elas.

Logo, o subconjunto de taxemas comuns a todas as subclasses de uma classe sintática do léxico é a sua *arquiteaxia*. Todos os substantivos que se caracterizam por esses taxemas, e somente por esses, podem ser considerados, do ponto de vista de sua estruturação semântica gramatical, arquilexias. No caso das relações taxêmicas acima examinadas, são os substantivos da subclasse A.

Se dissermos que as subclasses de uma mesma classe sintática do léxico estão em relação de oposição transitiva umas com as outras, quanto a seus conjuntos taxêmicos — ou suas *taxias* —, estarão, necessária e simultaneamente, em relação de oposição inclusiva com a arquiteaxia.

Desse modo, se a *taxia* é o conjunto de todos os taxemas de uma classe, teremos:

$$\text{Taxia} = \{T_1, T_2, T_3, \dots, T_n\} = T$$

$$\text{Arquiteaxia} = \{T_a \cap T_b \cap T_c\}$$

onde A, B, C são subclasses.

Donde:

$$\text{Arquiteaxia}_i \subset \text{taxia da subclasse A}$$

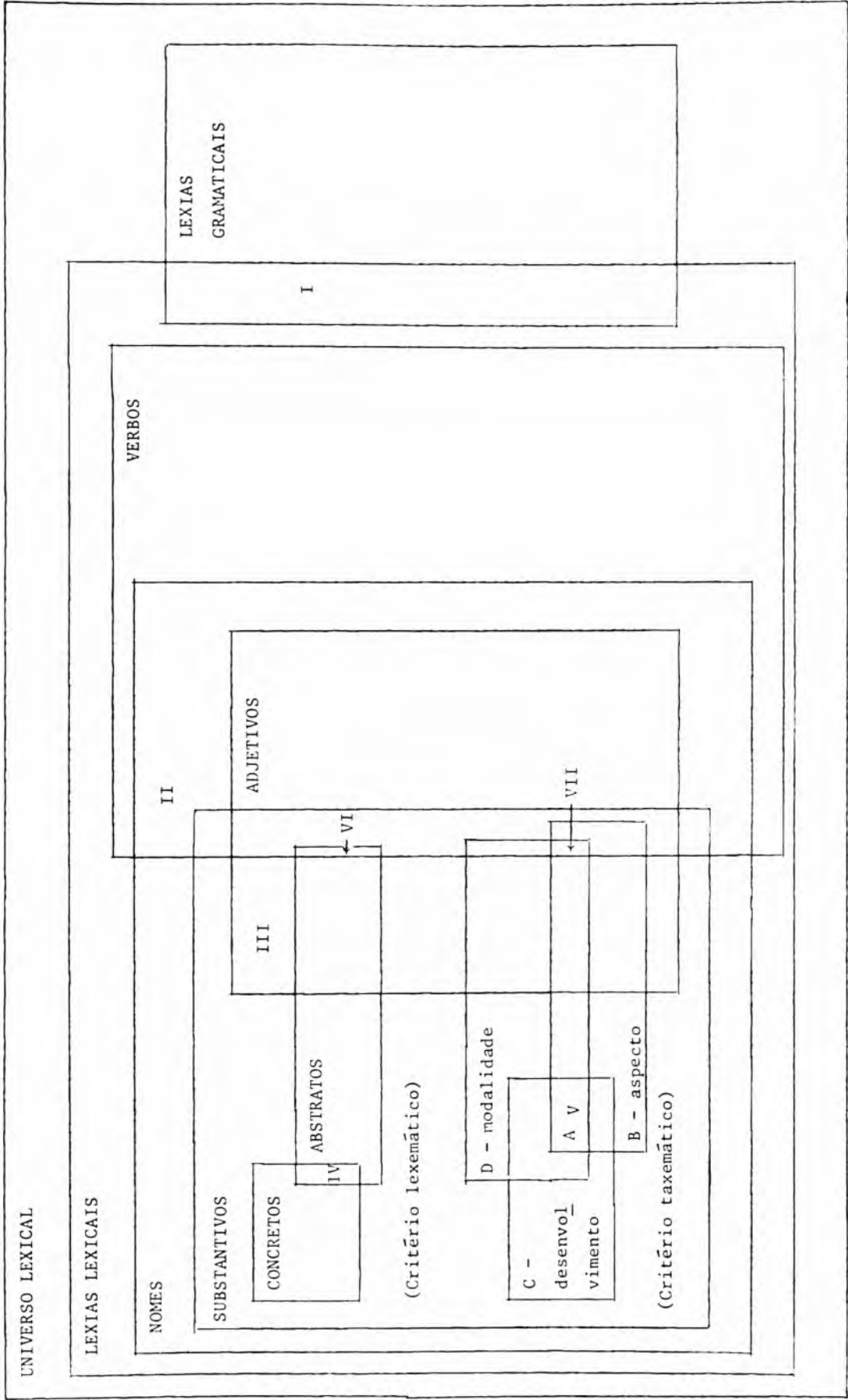
$$\text{Arquiteaxia}_i \subset \text{taxia da subclasse B}$$

Os taxemas que integram o subconjunto arqntaxia não são arqntaxemas, pois reserva-se essa acepção para taxemas como, por exemplo, a *formulação*, que neutraliza a oposição entre formulação modal, locutiva, qualitativa, quantitativa. Desse ponto de vista, portanto, *formulação* é um *arqntaxema*.

CRITÉRIOS LEXEMÁTICOS E TAXEMÁTICOS PARA DEFINIÇÃO DAS INTERSECÇÕES DOS SUBCONJUNTOS DO UNIVERSO LEXICAL

Intersecção I — lexias lexicais/lexias gramaticais. Inicialmente, deve dizer-se que tanto as primeiras como as segundas são condicionadas por uma mesma visão do mundo, subjacente a determinada língua e cultura. As lexias lexicais constituem designações de recortes culturais do universo antropológico e sustentam-se na tensão *designationes/designata*; estão ligadas diretamente ao extra-lingüístico e sua estrutura vocabular compreende lexemas — suportes de conceito — e gramemas — indicadores de função, ou seja, {1, g}. As lexias gramaticais constituem uma representação meramente lingüística e sua estrutura compreende apenas gramemas, ou seja, {g}, aonde o seu papel de indicadores de função, ou o de estabelecer relações entre as designações (relação) ou o de expressar a apreciação do enunciado sobre a coisa enunciada, as marcas da enunciação (formulação) Temos, assim, definidos os conjuntos-diferença, na estrutura vocabular e na correspondente estruturação semântico-sintática. Verifica-se, entretanto, uma intersecção. De um lado, dentre as lexias lexicais, alguns verbos, como os ditos “de ligação” e os auxiliares, não obstante apresentarem um lexema — designação de recorte —, ocorrem no enunciado como indicadores de função, seja de sintagmas nominais, no caso dos “de ligação”, seja de base de sintagma verbal, no caso dos auxiliares. De outro lado, dentre as lexias gramaticais, os chamados “advérbios” têm um comportamento adjetival, no caso daqueles em *-mente*, por exemplo, e muitos outros constituem também designações de recortes culturais como *ontem* = “o dia anterior a hoje”, sem prejuízo de seu papel de indicadores de função.

Intersecção II — nomes/verbos. Ambas as classes sintáticas integram as lexias lexicais, ou seja, pertencem à classe semântica da designação. Sua estrutura vocabular compreende lexemas e gramemas. Além do fato de que verbos podem ocorrer como base de sintagma nominal, nos processos de transferência, definem-se simultaneamente como subclasses dos nomes e dos verbos as formas verbo-



nominais, taxemáticos como os participípios, que se atualizam em diferentes contextos, ora como nomes, ora como verbos, ora em situação de completa neutralização da oposição. Do ponto de vista taxemático, nomes e verbos apresentam subconjunto de taxemas comuns, como o número, o aspecto e a modalidade. Quanto aos conjuntos-diferença, o nome é a descrição estática de um ser, de um ter, de um lazer, e a força do taxema determinação é tal que neutraliza o eventual dinamismo do lexema. O verbo, por sua vez, é a configuração dinâmica de um ser, de um ter, de um fazer, no plano lexemático, e apresenta formantes exclusivos como pessoa e tempo, no plano taxemático.

Intersecção III — substantivos/adjetivos. De um ponto de vista lexemático, opõem-se os substantivos, por sua perspectiva particularizante, fechada, aos adjetivos, com sua perspectiva generalizante, aberta. Do ângulo taxemático, a determinação e a auto-incidência são taxemas exclusivos dos substantivos, enquanto os adjetivos caracterizam-se pelos taxemas indicência e concordância. Contudo, define-se igualmente um conjunto-intersecção. Os substantivos abstratos, no plano lexemático, configuram-se como designações de atributos, com perspectiva generalizante, aberta. No plano taxemático, substantivos e adjetivos compreendem subclasses que apresentam taxemas comuns, além do gênero, do número e do grau; trata-se das subclasses que têm, além daqueles, os taxemas do aspecto, da modalidade e da indicação (cf., por exemplo, *vendedor*, *recenseamento*, *vestibulando*, *alargante*, *alargável*, etc.)

Intersecção IV — substantivos concretos/abstratos. Quanto ao critério lexemático, opõem-se como duas subclasses dos substantivos, estabelecendo-se os conjuntos-diferença, com base na distinção perspectiva fechada/perspectiva aberta. Pelo mesmo critério lexemático, configura-se a intersecção, pela descrição estática.

Intersecção V — subclasses de substantivos. No plano taxemático, todas as subclasses de substantivos apresentam como taxemas comuns, a determinação, a auto-incidência, o gênero, o número, o grau, definindo-se, pois, uma arquiteia substantival (subclasse A). Estabelecem-se, por outro lado, os conjuntos-diferença: a subclasse D contém o taxema modalidade (como, por exemplo, em *formando*); a subclasse C; o taxema desenvolvimento (como, por exemplo, em *ex-prefeito*): a subclasse B, o taxema aspecto (como, por exemplo, em *vendedor*, *recrutador*, *recenseador*, *recrutamento*, *recenseamento*, *(o) recenseado*, *recruta*, *censo*, etc. Observe-se, igualmente, a intersecção entre as subclasses B e D.

Intersecção VI — intersecção substantivo/adjetivo/verbo. No plano lexemático, substantivos, adjetivos e verbos contém lexemas, como designações que são. Entre os substantivos, há os que designam

processos, nomes de processos, como *construção*, *análise*, por exemplo; há nomes de agente, aos quais subjaz um processo, como *vendedor* (x vende y a z), embora a descrição de tais processos seja estática; por outro lado, há verbos que não designam processo mas um ser ou um ter, ou seja, atribuição, estática, quanto ao lexema, embora em combinatória com o dinamismo próprio do verbo.

Intersecção VII — substantivos/adjetivos/verbos. Quanto ao critério taxemático, várias subclasses de substantivos e adjetivos apresentam taxemas que são comuns aos do verbo, como o número, o aspecto, o modo e a modalidade. Por outro lado, as formas verbo-nominais, como o infinito, o gerúndio e o particípio podem aceitar, em muitas de suas ocorrências, a determinação — se atualizadas como base de sintagma nominal — e, conseqüentemente, a auto-incidência, dois taxemas do substantivo; noutras ocorrências, o taxema da incidência sobre base substantival e a concordância, próprias do adjetivo, se atualizadas nessa função; ou, ainda, ocorrer como base de sintagma verbal; finalmente, podem ocorrer em atualizações onde se verifica a completa neutralização da oposição nome/verbo. Temos, pois, que, no plano taxemático, algumas subclasses de substantivos, adjetivos e verbos são comuns, como intersecção absoluta das classes nome/verbo.

Apresentamos, aqui, um modelo parcial de taxionomia léxica baseado em critérios lexemáticos e um segundo modelo, igualmente parcial, fundado em critérios taxemáticos. Como se vê, os tipos de classificação não conflitam mas articulam-se, na medida em que semântica lexical e semântica gramatical mantêm entre si uma relação de interdependência funcional, de modo que se torna possível, nesses termos, construir uma taxionomia léxica mais adequada e satisfatória, porque compatível com o funcionamento das unidades lexicais na tensão sistema/discurso, ou seja, uma taxionomia semântico-sintáctica.